



NEGÓCIOS E MULHERES: O PODER DO DISCURSO
CONVINCENTE, NO CONTO “VENTURAS E
DESVENTURAS DO CAIXEIRO-VIAJANTE EZEQUIAS
VANDERLEI LINS, SEU QUEQUÉ PARA OS ÍNTIMOS”,
DE JOSÉ CONDÉ



BUSINESS AND WOMEN: THE POWER OF CONVINCING
ADDRESS, THE TALE “VENTURAS E DESVENTURAS DO
CAIXEIRO-VIAJANTE EZEQUIAS VANDERLEI LINS, SEU
QUEQUÉ PARA OS ÍNTIMOS”, BY JOSÉ CONDÉ

EDSON TAVARES COSTA, UNIVERSIDADE ESTADUAL
DA PARAÍBA (UEPB)

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR
RECEBIDO EM 14/09/2014 • APROVADO EM 14/09/2014

Abstract

The character Hezekiah Vanderlei Lins, protagonist of the work opening tale *Pensão laughing Night: Street of Sorrows* (Beer, Accordion and Love), by José Condé, dominates the forms of articulation of speech; is no other reason that it has become the best seller of the firm Oliveira & Rodrigues, for which they work: the success of their sales is directly linked to their argumentative capacity. It is our goal in this article reflect on the speech of his *Quequé*, in achieving its intent; the narrator in the conduct of the narrative; the author in the lexical and structural option tale. For this, we use mainly reflections of Michel Foucault about the relationship between discourse and power, and are headed for some theorists working with the gender issue, since the analysis is the discourse on the basis of the relationship between a man and his three wives.

Resumo

O personagem Ezequias Vanderlei Lins, protagonista do conto de abertura da obra ***Pensão Riso da Noite: Rua das Mágoas (Cerveja, Sanfona e Amor)***, de José Condé, domina as formas de articulação do discurso; não é por outra razão que ele se transformou no melhor vendedor da firma Oliveira & Rodrigues, para a qual trabalha: o sucesso de suas vendas está diretamente ligado a sua capacidade argumentativa. É nosso objetivo, neste artigo, refletir sobre o discurso de *seu Quequé*, na consecução dos seus intentos; do narrador, na condução da narrativa; do autor, na opção léxica e estrutural do conto. Para isso, nos utilizamos principalmente das reflexões de Michel Foucault a respeito da relação entre discurso e poder, bem como nos aproximaremos de alguns teóricos que trabalham com a questão de gênero, uma vez que o discurso analisado o será em função da relação estabelecida entre um homem e suas três mulheres.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Convincing. Power. José Condé.

PALAVRAS CHAVE: Discurso. Poder. José Condé.

Texto integral

Introdução

As palavras estão grávidas de significados, sistema semiótico que é, e a serviço do enunciador; este, com mais ou menos habilidade, consegue, através de seu discurso, apresentar sua vontade de verdade, que tem o poder de influir sobre o ouvinte, extraindo deste um determinado comportamento, geralmente o esperado pelo enunciador.

Ao lermos uma obra literária, deparamo-nos com uma multiplicidade de discursos, produzidos sempre com uma intencionalidade, velada ou explícita, em função de um objetivo do enunciador. Na obra de ficção, temos a presença de vários discursos, que podem ser analisados, com o intuito de serem apontadas essas vontades de verdade do sujeito, seja este o personagem, o narrador ou o próprio autor.

Assim pretendemos fazer, ao nos debruçarmos sobre um conto do escritor pernambucano José Condé, que abre o livro *Pensão Riso da Noite: Rua das Mágoas (cerveja, sanfona e amor)*. O título da história é “Venturas e desventuras do caixeiro-viajante Ezequias Vanderlei Lins, seu *Quequé* para os íntimos”. Conta as peripécias do caixeiro-viajante que intitula o texto, casado com três mulheres e pai de filhos das três: uma em Caruaru-PE, outra em Penedo-AL, a terceira em Estância-SE. Sua condição de viajante permite-lhe passar dias e dias fora de casa, oportunidade em que se encontra ora na casa de uma, ora na casa de outra companheira.

Cada uma das três mulheres – Eleuzina, Santinha e Nicinha – possui temperamento distinto; vivem em contextos sociais também específicos, aos quais o protagonista camaleonicamente se adapta, de maneira admirável, usando com bastante competência a “lábria” característica da profissão. Seja para vender tecidos, seja para conquistar e ludibriar cada uma das mulheres, seja para se fazer respeitado e admirado por todos, o personagem utiliza-se de um discurso competente, que lhe garante sucesso em suas empreitadas.

É nosso intento, neste artigo, refletir sobre o discurso de *seu Quequé*, na consecução dos seus intentos; do narrador, na condução da narrativa; do autor, na opção léxica e estrutural do conto. Para isso, utilizar-nos-emos principalmente das reflexões de Michel Foucault a respeito da relação entre discurso e poder, bem como nos aproximaremos de alguns teóricos que trabalham com a questão de gênero, uma vez que o discurso analisado o será em função da relação estabelecida entre um homem e suas três mulheres.

Subjetividade do enunciador

O personagem Ezequias Vanderlei Lins domina as formas de articulação do discurso; não é por outra razão que ele se transformou no melhor vendedor da firma Oliveira & Rodrigues, para a qual trabalha: o sucesso de suas vendas está diretamente ligado a sua capacidade argumentativa. Como afirma Koch (2008, p. 17), “por meio do discurso – ação verbal dotada de intencionalidade – tenta influir sobre o comportamento do outro ou fazer com que compartilhe determinadas de suas opiniões”. Assim age *seu Quequé* para vender seu produto, assim também faz para conquistar as mulheres. A neutralidade, sabemos, não existe; todo discurso traz, subjacente, uma ideologia. Destarte, cada frase do personagem, vendendo fazendas, fazendo a corte ou expondo suas opiniões aos amigos, carrega uma intencionalidade – imperceptível ou não, para o interlocutor, mas nítida para o leitor atento. Essa intencionalidade é o que Foucault (2008) denomina “desejo de verdade”. É interessante refletir, então, que a utilização de uma argumentação convincente nada mais é, primeiramente, que a auto-aceitação do que é dito pelo sujeito como verdade, para que esse desejo de verdade aja sobre o interlocutor, convencendo-o.

É ainda Koch (2008, p. 18) que apresenta a dicotomia entre convencer e persuadir. Segundo a teórica, o ato de convencer direciona-se ao intelecto do

interlocutor, que aceita o discurso do locutor “através de um raciocínio estritamente lógico”; é o caso das vendas realizadas:

– Tudo de primeira, Ananias.

E tomando um ar sério:

– Este tecido, por exemplo, é o melhor que existe no mercado. Ainda outro dia, no Recife, o deputado Sá Silveira encomendou três peças só para dar de presentes. Estampado fino e barato. Aliás, a você, Ananias, não passo gato por lebre. Quando reconheço que o artigo não é bom, nem me dou ao trabalho de mostrar. Não digo que proceda igualmente com os outros, ah, isso não. Afinal de contas, sou empregado de confiança de Oliveira & Rodrigues e minha obrigação é vender tudo que eles têm em estoque.

Fez uma pausa, olhou dentro dos olhos do gerente:

– Mas com você eu jamais faria uma safadeza. (CONDÉ, 1973, p. 54-55)

Não se deve pensar, entretanto, que apenas a razão é tocada, numa relação de negócios – desde há muito, uma das regras básicas da venda é oferecer não somente um produto, uma mercadoria, mas o prazer, o sonho, o desejo que aquele produto representa para o comprador, e que foi despertado pelo vendedor. No presente caso, é a cumplicidade sugerida através das palavras, escolhidas cuidadosamente, e principalmente através dos gestos (ar sério e olhos nos olhos do gerente) que acaba por convencer definitivamente o comprador; e eis nosso herói no poder da situação, poder conseguido basicamente no campo discursivo.

Por outro lado, o ato de persuasão é eminentemente sentimental: busca-se o convencimento do interlocutor através do despertar ou do provocar de sua vontade. É o que acontece no momento da conquista amorosa. Examinemos o trecho em que se dá a conquista da amante Dasdores, no momento em que ela o leva até o quarto do hotel em que se hospedará:

O caixeiro-viajante seguiu-a, olhos fixos nas ancas bem feitas.

– Este aqui – mostrou ela, ao chegarem ao fim do corredor.

– Me serve.

E sorrindo:

– Aliás, parece que vou gostar daqui.

(...)

– O senhor não quer lavar o rosto?

Apanhando a toalha, Quequé aproveitou a ocasião para apertar com força a mão que lhe era estendida.

– Seu nome?

– Dasdores.

– Você é bonitinha, Dasdores.

(...)

Dasdores estava trazendo a terrina de feijão. Percebendo que os olhos dele pareciam querer devorá-la, baixou os seus. (...) E ao vê-la aproximar-se, não se conteve:

– Vamos dar uma voltinha por aí, mais tarde?

Ela não respondeu, tornou à cozinha, de onde, a seguir, voltou, para dizer:

– O macarrão acabou. O senhor quer ovos estrelados?

- Quero dar um passeio com você.
- Ela, entre dentes:
- Fale baixo; mãe pode ouvir.
- (...)
- Espero você no matagal, atrás do hotel, tá bem?
- Dasdores retirou-se. Mas ao trazer o café, mal entreabindo os lábios, confirmou:
- Ao pé do mamoeiro. (OP. CIT., p. 64-66)

Fica claro, neste diálogo, que o personagem age premeditadamente, utilizando de todos os meios acessórios (o sorriso, o apertar a mão, o seguir com os olhos) para reforçar o discurso verbal, quando este se faz imperioso. E trata-se mesmo de uma situação de caça (ele não tirava “a moça da sua alça de mira”), que requer cuidado, atenção e determinação, situação diante da qual o personagem, para alcançar seu intento, utiliza-se de uma de suas estratégias de conquista. “As estratégias são (...) ações que, graças ao postulado de um lugar de poder (a propriedade de um próprio), elaboram lugares teóricos (sistemas e discursos totalizantes) capazes de articular um conjunto de lugares físicos onde as forças se distribuem.” (CERTEAU, 2011, p. 96). O poder de convencimento do *caçador* atíça e desperta, pacientemente, o desejo da *caça*, que termina por se entregar à fala do conquistador. É a vontade de verdade dele fazendo-se verdade na vontade dela.

O ser humano se constitui como sujeito “na e pela linguagem”, como diz Beneviste (*apud* FIORIN, 2011, p. 41). Assim, o ato de enunciação cristaliza o *eu* que fala e o discurso adquire consistência ao incorporar, no *aqui* e no *agora* da enunciação, respectivamente o lugar e o tempo do enunciador, que, ao falar, instaura um enunciatário. As relações advindas desse processo configuram o diálogo que se instala, para produzir os tais atos de convencimento e persuasão, e gerar atitudes, o que é, ao final, o objetivo principal de quem fala. Pelo menos era assim que se pensava na Grécia do século VI; “chegou porém o dia em que a verdade se deslocou do ato ritualizado de enunciação, eficaz e justo, para o próprio enunciado: para o seu sentido, a sua forma, o seu objeto, a sua relação à referência” (FOUCAULT, 2008, p. 15). O discurso, em si, adquire ares de autoridade, de poder, de convencimento. Claro que outras questões devem estar presentes, como a capacidade de articulação discursiva do enunciador, sua posição social, a instituição que lhe dá suporte... Mas, se não houver uma competente articulação do discurso em si, os resultados serão diversos: daí a diferença entre o bem sucedido Ezequias Vanderlei Lins e seu antagonista, o invejoso e sempre derrotado Sólon Macedo, caixeiro-viajante como *seu Quequé*, portanto aparentemente com todas as condições enunciativas deste – excetuando-se, obviamente, a capacidade subjetiva de enunciação de Ezequias.

Outro elemento importante é o contexto, tomado aqui, segundo Hanks (2008, p. 170), “como algo construído pela enunciação, e pela enunciação no curso da conversação”. O caixeiro-viajante vive em três lugares diferentes, com pessoas diferentes e situações também diferentes. Em cada contexto, Ezequias mostra-se de uma forma diversa, e age conforme as exigências daquele contexto social. É notória a complicação quando o personagem confunde os contextos e, por exemplo, troca os nomes dos filhos; ou a desesperadora situação quando

presenteou a contida Santinha com uma calcinha preta que comprara para a espevitada Eleuzina (CONDÉ, 1973, p. 50-51). Entretanto, é necessário perceber que o contexto aqui é criado pelo próprio Ezequias, que, em cada lugar onde reside suas três esposas, forjou uma personalidade específica, construindo, assim, o contexto adequado a cada situação.

Adequações contextuais

Como já tivemos a oportunidade de frisar, este conto de José Condé é a história do caixeiro-viajante Ezequias Lins, que, no final dos anos 20 do século XX, utilizando-se de sua facilidade de comunicação e convencimento, e aproveitando-se do fato de viver em constantes viagens a trabalho, vendendo tecidos em várias cidades do Nordeste, o que lhe proporcionava ausências relativamente prolongadas, constituiu família em três cidades (Caruaru-PE, Penedo-AL e Estância-SE), com três mulheres bastante diferentes entre si (Eleuzina, Santinha e Nicinha), tendo filhos com as três (quatro com a primeira; dois meninos com a segunda, mais três enteadas, filhas do primeiro casamento desta; e um com a terceira).

Em Caruaru, Ezequias apresenta-se como um *bon-vivant*, excelente companheiro de noitadas, com bebedeiras e prostitutas, na Pensão Riso da Noite. Aqui, a primeira esposa, Eleuzina, preenche os requisitos que completam o comportamento de Ezequias:

Grande companheira. Mulher de fibra estava ali: na direção dos negócios da casa e na educação dos filhos. Também na cama. E, ainda, sabendo virar o copo com categoria de macho. Nenhuma outra que dançasse um maxixe ou varasse noite de boêmia sem demonstrar o menor enfado. (OP. CIT., p. 30)

A forma e o local como Ezequias a conhece, e a conquista, demonstra a capacidade de percepção do caixeiro em relação às possibilidades que tinha de fazer um *bom negócio*, de se dar bem na conquista. É essa capacidade singular que tem o protagonista de se adaptar ao local em que se encontra, sua estratégia mais eficaz na *batalha* do convencimento. Não foi diferente com Eleuzina: conheceram-se num baile de carnaval, e

apesar da música ensurdecadora do frevo e dos empurrões que levavam, Quequé, sem perda de tempo, improvisou versos de amor aos ouvidos de Eleuzina. (...) Agradecida, Eleuzina ofereceu-lhe a boca para o primeiro beijo. Mês depois estavam casados. Mas somente no civil. Ezequias Vanderlei Lins, livre-pensador e adepto da maçonaria, não gostava de padre e considerava a religião o ópio da humanidade. (IDEM, ibidem)

Como se pode perceber, Ezequias buscava a constante coerência comportamental em relação à ideologia que, dizia, era-lhe essencial. No entanto, bem diverso foi o primeiro contato com a jovem e bonita viúva Santinha, que, aos 20 anos, perdera o marido, a quem amava muito, o que a fizera recolher-se em luto

fechado por um ano. Diante da insistência de amigas, compareceu a uma festa de casamento, onde se deu o primeiro contato com Ezequias:

Súbito, viu diante de si um homem alto, forte, bem vestido, sorrindo com todos os dentes:

– Quer me dar o prazer desta contradança?

O susto foi maior do que a surpresa. Santinha queria correr e não podia; gritar, e a garganta lhe sufocava as palavras. O cavalheiro, longe de perceber seu desespero, ergueu-a, com polidez.

E saíram para dançar a valsa.

Ao passarem pela segunda vez diante do sofá onde estavam os noivos, o homem alto e forte, de dentes bonitos, perfumado, declinou o nome:

– Ezequias Vanderlei Lins, caixeiro-viajante.

Acrescentou, largando-a por um instante, para fazer leve curvatura:

– Quequé, um seu criado.

Três meses mais tarde, na matriz de Penedo, recebiam do Pe. Júlio os sacramentos do matrimônio. (*OP. CIT.*, p. 46-47)

Podemos observar dois objetivos diferentes, a exigir comportamentos diversos. Apesar de conhecerem-se em festas, as características de agitação da primeira – o carnaval – serve para contextualizar de forma mais adequada Eleuzina. O ambiente de balbúrdia sugerido pelo narrador, em que se carnavalizam “bakhtinianamente” atitudes e conceitos, através da inversão em relação ao comportamento social esperado da mulher, dá a medida exata daquela que o caixeiro cobiçava; daí que alguns versos gritados em meio ao frevo e aos empurrões foram a senha exata para o beijo como retribuição e o casamento um mês depois. Foi também numa festa, esta bem mais comportada, festa de casamento, que Ezequias conheceu a recatada Santinha, a exigir, portanto, um requinte nas palavras, um cuidado maior – embora firme – com as palavras. E três meses depois estavam casados – a discreta diferença dos meses revela a necessidade de maior enleio e mais detidas estratégias de convencimento com a segunda mulher, que com a primeira. Em ambos os casos, entretanto, notamos a firmeza, a objetividade costumeira do caixeiro, traduzida no curto espaço de tempo entre o primeiro encontro e o enlace.

Não podemos deixar passar despercebido que, enquanto o casamento com Eleuzina foi apenas no civil, pois Ezequias mostrava-se avesso à religião e a padres, adequando-se, assim, ao comportamento de livre-pensador que dele esperavam os que com ele conviviam em Caruaru, o matrimônio com Santinha deu-se na igreja matriz, sob as bênçãos do padre Júlio, porque, em Penedo, Ezequias era tido como temente a Deus, conservador e religioso, amigo do Presidente da Irmandade do Santíssimo Sacramento.

Aliás, comparando-se as amizades de Quequé, nas duas cidades, percebemos claramente essa diferença contextual: em Caruaru, além do Major Sindô, militar reformado e companheiro de noitadas e bebedeiras, havia

(...) Eleutério das Graças, ou melhor, Pé de Bombo, por causa do defeito físico, tocador de violão e cantador de modinhas sentimentais; o farmacêutico Sivuca Xavier, o “curandeiro das carraspanas”, como o chamava Quequé; a solteirona Etelvina, feiosa, que quase não falava, possuindo apenas como prenda a habilidade de fazer point-à-jour, mas louca por uma serenata, se babando toda quando ouvia Ezequias declamar versos de Catulo da Paixão Cearense; Arlindo Soares, “o maior orador vivo da cidade”, figura destacada da União Caixeiral; e o clarinetista Barbosinha, da Banda Musical Nova Euterpe – gente boa e honesta, amiga da arte e também do copo. (*OP. CIT.*, p. 31-32)

A caracterização dos personagens dá bem o tom das companhias preferidas na cidade de Eleuzina, principalmente ao ressaltar que eram gente “amiga da arte e também do copo”. Já as amizades de Ezequias, em Penedo, contrastavam diametralmente com as caruaruenses, uma vez que, aqui, cria-se um contexto diverso, adequado à atuação do protagonista; tais amizades eram

O juiz de direito, dr. Saturnino, homem íntegro, um poço de virtudes; cel. Vilanova, tradicional fazendeiro da região, chefe político influente e amigo pessoal do Governador do Estado; o farmacêutico Quinquim de Sales d’A Nacional, de velha família de criadores de gado e plantadores de arroz, além de presidente da Irmandade do Santíssimo Sacramento; o advogado Prudenciano Angustura, expoente do Grêmio Literário e Recreativo Tobias Barreto, cuja fama de orador inflamado corria por todo o interior alagoano. (*OP. CIT.*, p. 48)

Percebemos, pois, as devidas adequações de Ezequias a cada um dos contextos a que pertencia. Enquanto todas as amizades dele em Caruaru giravam em torno das farras que frequentava, com ou sem a esposa, os amigos em Penedo tinham todos uma aura de conservadorismo, adequada ao seu próprio comportamento na cidade. É interessante observar que a coincidência de ter amigos farmacêuticos nas duas cidades acaba no ofício, pois enquanto um era “curandeiro de carraspanas”, o outro era presidente da Irmandade do Santíssimo – denotando claramente o quanto viviam em mundos diferentes.

Poeta e declamador, Ezequias também adéqua seu discurso poético às circunstâncias e lugares. Enquanto, em Caruaru, utiliza-o para conquistar Eleuzina, em Penedo usa como tema os filhos e as belezas naturais do Brasil. Em Caruaru, Ezequias é boêmio frequente, que não precisava de pretextos para uma farra; em Penedo, é caseiro, “de hábitos simples, rigidez de princípios” (*OP. CIT.*, p. 47). Em Caruaru, “Quequé quase acabou com o estoque de cervejas da Pastelaria Lusitana” (*IDEM*, p. 35); em Penedo, observemos o diálogo: “Prudenciano franziu a cara: - Você não bebe nunca, Quequé. Está sempre arranjando pretexto para recusar um copo. O caixeiro-viajante, sem encarar o outro: - Álcool não me faz bem.” (*IDEM*, p. 53).

São exemplos evidentes da dualidade de contextos em que o protagonista vivia, a exigir-lhe também uma dualidade comportamental, que se exprimia

através do discurso adequado a cada situação. Ou, dizendo de outra forma, o dúvida discurso de Quequé gerava também dúvida contextos, porque estes seriam frutos da enunciação, como dito acima.

A terceira esposa, e o consequente terceiro contexto, foge desses dois, em analogia. A idade de Nicinha, vinte anos mais moça que ele, a inquietante amizade dela com o compadre Lula, padrinho do único filho deles, o próprio comportamento agitado, infantil da esposa, tudo isso forjava um Quequé diferente, sem as características do boêmio caruaruense e sem o conservadorismo do cidadão penedense; aqui, Ezequias é inseguro, ciumento, violento, desconfiado. Talvez pelo fato de a estratégia das viagens, que lhe permite ter três mulheres em três Estados diferentes, permitir também a Nicinha manter um caso amoroso com o compadre, que, “além de ser mais moço que ele, Quequé, uns seis anos, era bonitão, tinha uma maneira de falar que despertava o interesse das mulheres.” (OP. CIT., p. 77). Ou seja, consciente do poder de convencimento e sedução que tem o discurso, Ezequias vê ameaçado seu casamento por alguém que também sabe utilizar as palavras de forma persuasiva. Bem diferente de Sólon Macedo, que não lhe causava maiores preocupações, pois sabia-lhe das deficiências nessa área: além de feio fisicamente, não era bom vendedor nem conquistador de mulheres, porque faltava-lhe um discurso sedutor.

No entanto, foi Sólon que acabou com a vida *trígama* de Quequé, ao denunciá-lo à Justiça. A ausência de competência discursiva do antagonista foi substituída pelo discurso que busca a vontade de verdade no ritual jurídico, de aparente frieza discursiva, portanto adequado a suas limitações de sedução pela oralidade. Sólon sabia que somente nesse campo venceria o concorrente, como de fato aconteceu. Ezequias foi preso, julgado e condenado pelo crime de bigamia, embora o final não poderia ser menos inerente aos propósitos do autor, no decorrer do texto: Quequé é perdoado pelas três mulheres, que continuam a viver com ele, como se nada tivesse acontecido, somente que, agora, cada uma sabendo das outras.

Considerações finais: Interseção de discursos

Diz-se correntemente que o homem *perde-se* pelos olhos e a mulher pelos ouvidos. Descontada a forte carga ideológica que tal afirmação carrega, podemos localizar essa situação na maioria dos relacionamentos. O homem *escolhe* sua presa, seu objeto de desejo pelo que a aparência se lhe apresenta. E parte para a conquista, que se dá, essencialmente, pela fala, pelo discurso, cuidadosamente arquitetado para minar as possíveis estruturas de resistência da mulher. Esta, por sua vez, parece que se deixa levar mais facilmente pela *lábria* masculina que mesmo pelos seus demais predicados.

Na verdade, desde que o mundo é mundo (outra fala corrente popular), tem sido assim. Poucos se questionam a razão, e cada vez mais a situação se repete. Homens tratam mulheres da mesma forma que fazem um negócio – tradicional atividade masculina. Homens se encantam pela mercadoria, sondam-na, e partem

para um infindável discurso de convencimento, no intuito de fechar o negócio da forma que lhe parecer mais vantajosa. A mulher está no mesmo patamar das mercadorias cobiçadas pelo homem. Com diferenças, evidentemente, mas não tão determinantes que façam essas duas coisas efetivamente diferentes. A principal divergência: no caso da conquista amorosa, a mulher é, ao mesmo tempo, mercadoria e proprietária da mercadoria. Daí que o discurso precisa ser muito mais elaborado, a condição de convencimento precisa ser mais intensa por parte do homem-*comprador*, porque o *dono* do objeto em questão é também o próprio objeto de desejo.

Por mais estranheza, irritação ou perplexidade que tais afirmações possam causar em alguém, e de fato causam, são nada mais que simples constatações. Que se tornam mais enfáticas e verdadeiras na medida em que voltamos no tempo, quando encontramos cada vez menos valorizada a mulher enquanto ser humano e mais à mercê do discurso masculino. Estamos no final da década de 20, no século passado. A história de *seu Quequé*, mais do que provocar a sadia e necessária revolta em feministas de plantão, é a constatação (lamentável, neste caso) da força do discurso enquanto construção do sujeito que o produz.

Falamos aqui no discurso óbvio do personagem Ezequias, mas também no discurso que é resultado do acordo tácito entre narrador e autor; este cria um narrador francamente aliado do protagonista, que não lhe economiza palavras elogiosas, na mesma proporção em que degrada a imagem do antagonista. Isso tudo, aliado a algumas estratégias narrativas (como, por exemplo, o desabafo de Ezequias sobre ser homem de bem (*OP. CIT.*, p. 26), do qual apenas o leitor sabe do real motivo, numa espécie de sutil cumplicidade com o autor), resulta numa gradativa conquista do leitor, que passa a admirar aquele elegante, jovial e simpático caixeiro-viajante, que reflete, em si, todas as características que muitos dos leitores trazem escondidas na vontade mais secreta de ser.

Na verdade, cada uma das três mulheres representa o desejo do homem de encontrar todas as características da mulher sonhada numa só: em Eleuzina, o protagonista tem a companhia de bebedeiras, de noitadas, a mulher madura e em pleno vigor de sua sensualidade; em Santinha, o recato, a pureza, o resguardo de uma mulher conservadora; em Nicinha, a adolescente fogosa, cheia de energia e graça; sem falar em Dasdores, a amante, com quem se encontra nas caladas da noite, debaixo do mamoeiro, no meio do mato.

O discurso utilizado pelos três – protagonista, narrador e autor – faz-se tão competente, que o leitor elege Ezequias como seu modelo de herói, e passa a torcer para que tudo dê certo em suas peripécias entre as três cidades em que mantém famílias; cobre-se de ódio pelo asqueroso Sólon Macedo (não por acaso aqui pintado com todas as tintas de feiúra e canalhice, como produto daquele *acordo tácito* narrador-autor) e vibra com a surra que o *trígamo* lhe aplicou, e que terminou sendo a gota que entornou o caldo e levou Ezequias a dar com os costados na cadeia; mas também o leitor torce o tempo todo pela absolvição do criminoso, e fica feliz com a *volta ao normal* com as três esposas – até com a Nicinha, que, mais uma vez, fora dormir na casa do compadre. E mesmo o leitor

sendo mulher, ao lado da revolta pela *safadeza* do caixeiro-viajante, vem a quase imperceptível curiosidade de saber o que tem aquele homem em sua fala, em seu discurso, que consegue conquistar mulheres com a mesma facilidade com que vende fazendas.

Ao final, todos se rendem ao simpático vendedor de tecidos, e penetram na intimidade de Ezequias Vanderlei Lins, *seu Quequé...* para os íntimos.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Trad. de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: forense-Universitária, 2002.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano – Artes de Fazer**. 17 ed. Trad. de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011.

CONDÉ, José. Venturas e desventuras do caixeiro-viajante Ezequias Vanderlei Lins, seu Quequé para os íntimos. In: _____. **Pensão Riso da Noite**: Rua das Mágoas (Cerveja, sanfona e amor). 3. ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 1973, p. 25-93.

FIORIN, José Luiz. **As astúcias da Enunciação**. As categorias de pessoa, espaço e tempo. 2. ed. São Paulo: Ática, 2001.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 17. ed. São Paulo: Loyola, 2008.

HANKS, William F. **Língua como poético social**: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin. Trad. de Anna Christina Bentes et. all. São Paulo: Cortez, 2008.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Argumentação e linguagem**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

Para citar este artigo

Costa, Edson Tavares da Costa; Negócios e Mulheres: O Poder Do Discurso Convincente, No Conto “Venturas E Desventuras Do Caixeiro-Viajante Ezequias Vanderlei Lins, Seu Quequé Para os Íntimos”, De José Condé. **Miguillim – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato.

O Autor

Edson Tavares da Costa é Doutor em Literatura pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB (2013), Mestre em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE (2001), possui graduação em Letras pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Caruaru - FAFICA (1984). Atualmente é professor titular da Universidade Estadual da Paraíba. Autor de "Nítido como um girassol" - As metamorfoses do olhar em Alberto Caeiro" (2003) e de "Avaníssima - A vida de uma estrela" (2007); organizador das coletâneas "Leituras Partilhadas - Estudos temáticos de autores brasileiros" (2006) e "Mulher: criação social? - Leituras de perfis femininos da literatura brasileira" (2008). Revisor e posfaciador da edição especial de "Terra de Caruaru", de José Condé (2011). Exerceu por 8 anos a função de Coordenador do Curso de

Letras da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru - FAFICA; coordenou o Trabalho Acadêmico Orientado (TAO), na Universidade Estadual da Paraíba - UEPB. Tem experiência na área de Letras, trabalhando com Literatura Brasileira, Literatura Portuguesa e Literatura Infanto-Juvenil. Atualmente, desenvolve pesquisa na área dos estudos culturais, mais precisamente em História da Literatura, abordando questões ligadas ao cânone literário, enfocando o escritor José Condé.